

Entre outros mares e terras: metáforas do exílio em narrativas de Joseph Conrad

Profa. Dra. Fernanda Mota¹ (UFBA)

Resumo:

Nos contos “Juventude” e “Amy Foster” de Joseph Conrad, figuram personagens cujas vidas no mar e na terra, respectivamente, são marcadas pelo exílio, abarcando traços presentes no desenho da história do próprio autor e de uma memória cultural, representada na literatura anglófona, nos quais podem ser identificados, por extensão, aspectos da ficção moderna. Com base nessas duas narrativas, objetiva-se refletir sobre o exílio na literatura como um lugar para a narrativização de experiências sob o signo da exclusão involuntária – a que é submetido o sujeito, forçosamente, desenraizado, à guisa das “Reflexões sobre o exílio” de Edward Said – e voluntária, quando o deslocamento é uma opção, motivada por fatores como a busca de vivências no mar e em outras terras, arraigada ao desejo de adentrar os profícuos labirintos da alteridade.

Palavras-chave: exílio, ficção moderna, memória.

1 Introdução

Narrativas de Joseph Conrad como “Juventude”, que tecem experiências no mar, e “Amy Foster”, que conta a história de um exilado, poemas elegíacos da era anglo-saxônica, romances modernos nascidos sob o signo do individualismo burguês, textos contemporâneos que exploram o solo da desterritorialização sedimentado na diáspora desenhando um mapa de margens esparsas por constantes deslocamentos a que sujeitos são submetidos ou pelos quais optam. Tais deslocamentos inserem-se no eixo de temas relacionados ao exílio. Para Edward Said, esse é um signo enfático na era moderna, decalcado em produções de “exilados, emigrantes, refugiados” (2003, p. 46) em uma proporção maior do que em outros períodos, sustentada por questões históricas. Conforme Said,

[...] a diferença entre os exilados de outrora e os de nosso tempo é de escala: nossa época, com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa. (SAID, 2003. p.47).

O painel histórico descortinado por Said respalda contornos desse tema na literatura moderna. Considera-se, contudo, que, desde a era anglo-saxônica, no século X, como demonstram os poemas “O errante” e “O navegante”, há representações de perambulações e navegações que marcam a distância do sujeito em relação ao seu lar. A diferença incide na geografia desses símbolos, delineando variados relevos em cada período. Em convergência com o texto de Said (2003), em *Teoria do romance*, Georg Lukács sublinha que “no Novo Mundo, ser homem significa ser solitário” (2000, p. 34) e mapeia a linha de transcendência – que compunha um terreno de familiaridade entre o sujeito e o mundo na Antiguidade – rompida na modernidade, quando, então, “os tempos para os quais o céu estrelado é o mapa dos caminhos transitáveis e a serem transitados, e cujos rumos a luz das estrelas ilumina” (2000, p. 25) mudaram para uma era marcada pela quebra do sentido de pertencimento, promovendo uma cisão não apenas entre o sujeito e o mundo, mas em seu próprio *eu*. Interessa deslindar tais cisões e flagrar imagens que irrompem da desterritorialização como experiência de alteridade, que pode ser imposta, mas, também, figura em um circuito voluntário e necessário para o conhecimento de si.

2 O exílio e suas metáforas

Se para Edward Said (2003) o exílio é um tema recorrente a partir da era moderna, nota-se, entretanto, que trânsitos territoriais ou por via marítima compõem imaginários também em um período pré-moderno. Basta evocar o poema “O errante”, que, segundo Alexander Meireles da Silva (2006), traz em seus versos a errância de um homem desterrado pela perda de seu senhor e de companheiros; e “O navegante”, que abarca “o fascínio e temor causados pelo mar” (2006, p. 49).

Imagens que simbolizam a tônica desses dois poemas anglo-saxônicos incidem em narrativas modernas, entre elas o emblemático *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, no qual o projeto de um homem em um ritmo capitalista, somado à atração pelo mar, é a moldura do naufrágio que sofreu e ocasionou longos anos em uma ilha deserta. O contexto estranho vivenciado em uma terra desconhecida o levou a tentar configurar um território em semelhança aos domínios que se teria em um lugar familiar através de instrumentos resgatados do barco naufragado. A procura por um solo de identificação simboliza um anseio moderno apreendido em textos como o romance mencionado.

A tentativa de resgate de elementos que esboçam uma atmosfera de nação é um caminho tomado por sujeitos exilados. Sob o prisma de Said, “o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal” (2003, p. 50). O porto procurado por aqueles que se encontram nessa condição tem as cores do nacionalismo, que imprime uma poética do pertencer para resgatar o lugar do qual um sujeito se descolou.

Para Said, o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (2003, p. 46), acionar raízes é uma forma de tentar resgatar o senso perdido de pertencimento. Segundo Lukács (2000), todavia, essa perda incide na condição do sujeito moderno após a travessia da era helênica. Assim, parece que, mesmo em um contexto concebido como lar, haverá um circuito de desenraizamento, como ocorre a Robinson Crusoe que, tendo uma família com projetos para sua vida, optou por caminhos desconhecidos para erigir as próprias conquistas. O romance traz uma alegoria da atração pela descoberta, que levou tantas nações ao mar, entre elas a Inglaterra.

O desejo de descortinar matizes de terras outras é potencializado em situação de desterro, atingindo acentuado realce no signo do naufrágio. Esta é uma das metáforas do exílio, que simboliza a consequente vivência desconcertante em terras alheias, configurando uma imagem polissêmica tradutora do sentimento que aflige aqueles deslocados do próprio mundo, sob o efeito da cisão e da insegurança.

Ao acionar o eixo paradigmático de temas atrelados ao exílio, emergem termos como imigração, diáspora, refúgio, como sugere Said (2003). Espiralando esse eixo, outras imagens revolvem. Entre elas, pensa-se nas diversas formas de exclusão, sobretudo diante do que não se reconhece como familiar e motiva o sentido de estranheza. Sublinha-se que o estranho deflagra atitudes paradoxais. Por um lado, o desconhecido é um atrativo para personagens como Marlow, em “Juventude”, ilustrado na história em que narra sua viagem a Bangkok, causando uma agitação devido ao mistério que o lugar incita: “Eu estava agitadíssimo. Seis anos no mar e eu tinha visto apenas Melbourne e Sidney, lugares muito bons, simpáticos a seu modo – mas Bangkok!” (CONRAD, 2003, p. 11); por outro lado, o estranho produz a repulsa, como a sofrida por Yanko Gorol, no conto “Amy Foster”, “um pobre emigrante da Europa Central que ia para a América” (CONRAD, 2007, p. 22), naufragou e desembarcou na Inglaterra, sofrendo com o temor dos habitantes, a resultante exclusão e a incomunicabilidade atrelada a dificuldades com a língua.

De acordo com Said, “A situação de Yanko é comovente: um estrangeiro perpetuamente assombrado e sozinho numa sociedade que não o compreende” (2003, p. 53). A incomunicabilidade

no bojo do contato via linguagem abarca outros signos que não apenas verbais. Comunicar é, em certo sentido, tornar comum – como sugerem as primeiras letras que formam a palavra –, valer-se de uma ponte de estrutura familiar para que seja estabelecida a travessia de mensagens. Este é um desafio sentido por sujeitos em suas incursões em outras culturas, a exemplo de Marlow, quando aportou no Oriente, no conto “Juventude”. Essas cenas enleiam-se em traços biográficos do autor, situando-o entre mares e terras, representados em seus textos.

3 Conrad entre mares de “Juventude” e terras de “Amy Foster”

Textos de um escritor grassam pelas linhas de sua vida. Para consubstanciar essa ramificação, em que fontes e hierarquias se diluem, Roland Barthes assinala “a impossibilidade de viver fora do texto infinito – quer esse texto seja Proust, ou o jornal diário, ou a tela de televisão: o livro faz o sentido, o sentido faz a vida” (2004, p. 45). Portanto, as vivências não são lidas como fontes, mas, sim, temas que permeiam histórias constituintes de memórias subjetivas, culturais, amalgamadas na literatura, como denotam as palavras iniciais de “Juventude”:

Isto não poderia ter acontecido em nenhum outro lugar senão na Inglaterra, onde homens e mar interpenetram-se, por assim dizer – o mar entrando na vida da maioria dos homens, e os homens sabendo algo ou tudo sobre o mar, por diversão, viagens ou como ganha-pão. (CONRAD, 2003. p. 7).

Ao sinalizar a confluência entre mar e vida, o narrador traz à baila aspectos culturais da nação onde morou, a Inglaterra – com histórias de conquistas para além do oceano –, e um traço biográfico de Józef Teodor Konrad Korzeniowski, nascido na Ucrânia, em 1857, que atua na composição de seus textos: o ofício de marinheiro. A relação com o mar foi iniciada na Escola de Marinha de Marselha, continuou na Inglaterra para onde se mudou em 1878 e foi finalizada em 1893 devido a enfermidades advindas de viagens para a América do Sul e o Extremo Oriente.

Ressalta-se que, embora não tenha nascido na Inglaterra, as experiências nesse país, do qual em 1884 adquiriu cidadania, passando a se chamar Joseph Conrad, mesclam-se em suas narrativas. A confluência dessas formas textuais é ainda respaldada pelas viagens realizadas como marinheiro, que serviram de base para a escrita de textos nos quais, pelas linhas da literatura, continuou a tecer sua vida no mar, desvelando experiências para os seus leitores. Como exemplos de textos que as incluem, citam-se o conto “Juventude” e a novela *Coração das trevas*, na qual explora o contato com a colonização no Congo.

Segundo Luiz Felipe de Alencastro (2008), o autor viveu na África Central por seis meses, entre 1890 e 1891. Dessa experiência, desenovelam-se cenas de ações imperialistas tecidas em *Coração das trevas* na perspectiva de um sujeito que também vivenciou o imperialismo como colonizado. De acordo com Alencastro (2008),

Conrad também vivera na periferia a experiência do imperialismo. Mas de outra perspectiva. Como todo o povo polonês no século XIX, Conrad também era um colonizado. Criado numa família de aristocratas engajados no movimento nacionalista, ele sofrera na carne a opressão russa. Aristocrata desclassificado como colonizado, polonês nascido fora da Polônia, francófilo frustrado no seu projeto de se estabelecer na França, tripulante de navios de outras nações nos mares do mundo, Conrad se fixara em Londres, naturalizando-se inglês. Dominando o idioma da mais dominante das potências, ele podia refletir sobre as hierarquias do poder político e das identidades numa época de interpretação científica das culturas e de reescalonamento das nacionalidades. Podia escrever sobre a afirmação nacional que fundamenta a sujeição de outros povos e sobre a afirmação do ser baseada na desumanização do outro. (ALENCASTRO, 2008. p. 166, 167).

Narrativas como *Coração das trevas* e “Juventude” lançam perspectivas híbridas sobre o encontro com o outro em contexto estrangeiro. Afinal, Conrad trabalhou para a Marinha Mercante,

navegando na máquina colonial, mas também vivenciou os efeitos da colonização de lugares reservados às margens.

Nos contos enfocados, vislumbram-se duas vertentes de sua condição que o colocam no centro de um fluxo histórico, ou seja, como “segundo-comandante” (2003, p. 8), em uma viagem cujo objetivo era “descarregar um carregamento de carvão num porto a nordeste de Bangkok” (2008, p. 10) em “Juventude”; e a outra, em “Amy Foster”, no qual são narrados os infortúnios de um naufrago em uma terra alheia e que assim o trata, submetendo-o a uma exclusão cultural. Para Said (2003), a experiência de Yanko relaciona-se com o sentimento de exílio em Conrad:

O conto “Amy Foster”, de Joseph Conrad, talvez seja a mais intransigente representação do exílio jamais escrita. Conrad julgava-se um exilado da Polônia e quase toda a sua obra (bem como a sua vida) carrega a marca inconfundível da obsessão do emigrado sensível com seu próprio destino e com as tentativas desesperadas de fazer contato satisfatório com os novos ambientes. (SAID, 2003, p. 52).

A recorrência de um tema em textos literários indica a sua pertinência na configuração da subjetividade do escritor, ancorando-se, ainda, em cenas que decalcam uma memória cultural. Cita-se, como exemplo, a alusão de Marlow, em “Juventude”, a navegadores de outros séculos; ou mesmo a referência de Kennedy, que conta a história de Yanko ao narrador, em “Amy Foster”, sobre os infortúnios que marcam histórias de naufragos em outras épocas.

Embora estejam ambientadas em molduras diferentes e falem sob prismas distintos acerca de um tema de tom análogo, os contos apresentam questões relacionadas ao sentimento de desterro e a produtividade que seu relato tem para contemplar uma cultura com lentes fora do eixo da identidade, adentrando a perspectiva da alteridade, que engendra leituras não menos especulares, porém, refratadas, sem configurar um feixe unívoco de reconhecimento. Ao reconhecimento sobrepõe-se o sentido de descoberta que, por ser feita na esteira do exílio, não hierarquiza experiências, entrecruzando-as para compor uma forma dinâmica de conceber a si e ao outro.

3.1 Metáfora do exílio em errância de desventuras

Nas cenas em torno de Marlow e Yanko, nota-se uma poética de exílio, encontrada em circunstâncias abordadas por autores como Tzvetan Todorov (1999), em *O homem desenraizado*. Esse autor também viveu o hibridismo promovido pelo ato de desenraizar-se de sua pátria, a Bulgária, e ter suas raízes ramificadas em outra, a França, da qual destaca o processo de assimilação nela vivido com tons profícuos, nos quais o ressentimento e a infelicidade, atribuídos por Said (2003) aos exilados, não residem.

Said (2003) compõe um desenho peculiar que representa a vida de um exilado em relação a outras formas de desterritorialização:

Embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer algumas distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. O exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro. (SAID, 2003, p. 54).

Os demais sujeitos que passam pela circunstância de saírem de sua nação são os expatriados, isto é, sujeitos que decidem morar em outro país. Os refugiados, por sua vez, constituem grupos que recorrem a instâncias internacionais por auxílio; já os emigrados deixam seu país de origem voluntária ou involuntariamente, encontrando na terra para onde se mudaram um motivo que rasura o *status* de exilados. Há outra imagem que, para Said, está atrelada ao exílio: a “solidão” (2003, p. 54). Essa imagem converge no sentimento que perpassa Yanko em sua desventura pelas terras

estrangeiras onde tragicamente aportou, como relata Kennedy:

Era a essas pessoas que ele devia lealdade, e uma solidão acachapante parecia desabar do céu de chumbo daquele inverno sem sol. Todos os rostos eram tristes. Ele não podia conversar com ninguém e não tinha esperança de algum dia compreender alguém. Era como se fossem rostos de gente do outro mundo – gente morta –, ele me disse mais de uma vez, anos mais tarde. (CONRAD, 2007, p. 44).

A solidão é acentuada pelo impulso, presente em histórias de outros personagens da literatura moderna, de estabelecer relações entre o lugar onde está e a sua pátria ao lado da constatação da ausência de semelhanças: “Não havia aqui nada que fosse igual ao seu país! A terra e a água eram diferentes. Não havia imagens do Redentor à beira da estrada. Até mesmo o capim e as árvores eram diferentes” (CONRAD, 2007, p. 44). Pontos semelhantes entre a terra estrangeira e a sua própria é uma forma de configurar um mundo, via linguagem, em que o sentimento de familiaridade incide. Tal configuração envolve o personagem em sua errância de desventuras diante de “três velhos pinheiros da Noruega” (CONRAD, 2007, p. 44) que o remetiam à sua terra natal. O ponto de coincidência irradia uma luz que amaina a solidão, reforçando, porém, a contrastante estranheza que todo o entorno evoca.

Em meio à estranheza sofrida pelo personagem diante de uma paisagem e de pessoas que eram não apenas desconhecidas, mas hostis, houve um episódio que atenuou o seu desterro: Amy Foster, uma moça vista por ele com “a auréola de um anjo de luz” (CONRAD, 2007, p. 38), deu-lhe um pão cujo símbolo transpõe o gesto de suprir o vazio do corpo, alimentando sua vida. Com o passar do tempo, Yanko começou a fazer atividades como um modo de existência em uma terra estrangeira. Suas habilidades para o trabalho despontaram em ocupações como o arado, o ordenho de vacas, entre outras, e ele iniciou-se na aquisição da língua local. Ao salvar a neta do Sr. Swaffer, para quem trabalhava, de uma trágica morte sufocada no bebedouro de cavalos, seu *status* na sociedade foi redimensionado. Depois desse episódio, entre outras mudanças, ele passou a fazer as refeições na mesa da cozinha e a receber pelo seu trabalho. Além disso, “cortou o cabelo curto e era visto na aldeia e pela estrada, indo daqui para ali em seu trabalho como qualquer outro homem. As crianças deixaram de segui-lo gritando. Ele tornou-se conhecedor das ciências sociais” (CONRAD, 2007, p. 47).

O lastro negativo deixado pelo contato de Yanko com a terra estrangeira foi suavizado pelos eventos mencionados e revelam o processo de convivência com a cultura do outro, amenizando a marca de tristeza atribuída por Said (2003) a essa condição. Ao contrário desse autor, na perspectiva de Todorov (1999), nuances negativas entram no compasso da subversão: não se situam em pólos por conta do hibridismo que as constitui. O autor menciona pontos desfavoráveis, mas apresenta a sua produtividade também. Assim, no campo de compensações no tocante ao contato com a cultura estrangeira e a provável diluição de traços identitários da cultura matriz, o autor afirma:

O que é preciso crer e lamentar é a própria *desculturação*, degradação da cultura de origem; mas ela talvez seja compensada pela *aculturação*, aquisição progressiva de uma nova cultura, de que todos os seres humanos são capazes. [...] Condenar o indivíduo a continuar trancado na cultura dos ancestrais pressupõe de resto que a cultura é um código imutável, o que é empiricamente falso: talvez nem toda mudança seja boa, mas toda cultura viva muda [...]. O indivíduo não vive uma tragédia ao perder a cultura de origem quando adquire outra; constitui nossa humanidade o fato de ter uma língua, não o de ter determinada língua. (TODOROV, 1999, p. 24, 25).

No tocante a Yanko, ele passou por um processo de convívio com alguns elementos da cultura em que se inseriu, não ocasionando, contudo, a desculturação: “Seu aspecto estrangeiro tinha uma marca singular e indelével. Por fim, as pessoas se acostumaram a vê-lo. Mas nunca se acostumaram com ele” (CONRAD, 2007, p. 48). Seu comportamento, aparência e jeito eram “motivo de escárnio

e de ataques para os habitantes da aldeia” (CONRAD, 2007, p. 48). Tal reação não o impedia de cantar canções de sua terra, querer mostrar sua dança. A repulsa a ele permanecia e tornou-se visível no momento em que pediu Amy Foster em casamento. Com o nascimento do seu filho, para quem pensou que “podia cantar e falar na língua do seu país, e aos poucos ensiná-lo a dançar” (CONRAD, 2007, p. 54), a filiação não garantiu a constituição familiar almejada, pois esbarrou na aversão de sua esposa à ideia de prover o filho com traços da cultura do seu marido.

Em uma das vezes que o médico, Kennedy, viu Yanko, ele havia adoecido por problemas pulmonares associados à melancolia e depressão. Amy Foster trouxe empecilhos aos cuidados necessários para a melhora de Yanko, não permitindo que ele fosse levado à parte de cima da casa, pois temia palavras estranhas proferidas por ele a seu filho. A distância imposta pela língua acentuou o abismo entre Yanko e Amy no momento em que se valeu de sua língua mãe para pedir água, o que, além de não ter sido decodificado pela sua mulher, a levou a sair de casa por medo dele, que, a seu ver, parecia cada vez mais “estranho” (CONRAD, 2007, p. 59). O médico ainda teve tempo de dar os últimos cuidados, ouvir a história da fuga de sua esposa e sua última palavra: “Misericordioso!” (CONRAD, 2007, p. 60).

A história de Yanko parece confirmar o tom trágico atribuído por Said aos sujeitos em exílio. O amor, no entanto, parecia ser o porto no qual seria possível construir uma atmosfera de segurança. Todavia, a compaixão e o interesse demonstrados por Amy Foster ao personagem dissiparam-se na estranheza suscitada nela após o nascimento do seu filho. A língua e os costumes do seu marido logo a levaram a desconhecê-lo, emoldurando a morte de Yanko. Com ela, esvaeceram-se também lembranças dele até mesmo para Amy: “Para todo mundo, ela é Amy Foster e a criança é ‘o filho de Amy Foster’. Ela o chama de Johnny – que significa Joãozinho” (CONRAD, 2007, p. 61), mesmo significado do nome do pai. A criança trouxe ao médico a lembrança de seu pai e o arremate da narrativa cujo enredo trágico é uníssono à sua conclusão: “E olhando para ele pareceu-me ver novamente o outro – o pai, que o mar misteriosamente arremessou na terra para morrer na suprema desventura da solidão e do desespero” (CONRAD, 2007, p. 62).

Lê-se o tom de mistério no drama de Yanko como um paradoxo pela circunstância de ter sobrevivido a uma tragédia no mar, mas não às desventuras na terra, advindas da repulsa de pessoas que praticam o caráter desumanizador do exílio por privar sujeitos do exercício de aspectos atrelados à sua constituição. A repulsa e a repressão à memória cultural do personagem dissecaram a sua possibilidade de existência. Com disso, extingue-se o existir. Morrer é uma consequência quando não é possível exercer processos de subjetivação que delineiam a vida. Esses sentidos fazem da morte social ou física, como condição do sujeito cuja existência é dilapidada por outra cultura, uma metáfora atrelada à poética do exílio.

3.2 Metáfora do exílio navegando por outros mares

Em “Amy Foster”, vislumbram-se infortúnios de um sujeito errante em face das dificuldades com a língua, costumes e pessoas do lugar onde passou a morar, amalgamados a tons que estampam quadros de uma memória subjetiva do próprio Conrad, que também vivenciou os dissabores do exílio. Nessas estampas, mesclam-se lembranças de navegação tidas, conforme André Gide, “como material de trabalho” (2007, p. 9).

Representações de tais lembranças inserem-se em uma poética de desterritorialização em textos de Conrad, que se expandem pela literatura de língua inglesa de variadas épocas e configuram-se como um símbolo acoplado a outros como a ilha, o mar, desenhando imagens de aventura. Esses ícones, na leitura de Alexander Meireles da Silva (2006), são frequentes porque a “Inglaterra é uma nação de marinheiros e viajantes, e esses personagens se refletem em sua literatura, assim como o mar frio e tempestuoso” (2006, p. 4). O contorno insular da Inglaterra, na

leitura do referido autor, engendra vertentes paradoxais: se há, em virtude dessa disposição geográfica, uma propensão ao isolamento, nota-se, também, uma pulsão aventureira em seu povo que atravessa os perigos do mar “em busca de novos horizontes” (2006, p. 4).

A procura de outras linhas que entrecortam o mar envolve o escritor da Ucrânia e se transubstancia em personagens como Marlow. Para o narrador de “Juventude”, navega-se com o intuito de se divertir, viajar ou sobreviver. O fascínio pelo desconhecido, portanto, suplanta os percalços encontrados, os quais incitam o desejo de enfrentar riscos. O apreço pelo enigma de terras que ainda não se conhece é traduzido nas palavras de Marlow em sua chegada ao Oriente: “O Oriente misterioso estava diante de mim, perfumado como uma flor, silencioso como a morte, escuro como um túmulo” (CONRAD, 2003, p. 50). O cenário delineado através de imagens como a “flor”, a “morte”, o “túmulo” condecoram a experiência sob o compasso da atração pelo “enigma” atribuído ao Oriente: “E me sentei cansado além de qualquer descrição, exultante como um conquistador, insone e arrebatado como se estivesse diante de um enigma profundo e fatal” (CONRAD, 2003, p. 50).

Sobre o enigma orbitam infortúnios, vivenciados por Marlow e seus companheiros, resumidos na apresentação que faz quando pede ajuda a um vapor de origem ocidental que passava: “Tripulação naufraga de um barco inglês incendiado no mar. Chegamos hoje à noite. Eu sou o segundo imediato. O capitão está na chalupa, e deseja saber se vocês poderiam nos levar para algum lugar” (CONRAD, 2003, p. 52). Os infortúnios têm um prenúncio, no começo da narrativa, nas precárias condições do navio, chamado *Judeia*, que não sobrepujam o desejo de adentrar territórios desconhecidos:

Ela era toda ferrugem, pó, fuligem – nos mastros, lixo no convés. Para mim era como sair de um palácio e entrar num chalé abandonado. Ela pesava cerca de quatrocentas toneladas, tinha um sarilho primitivo, trincos de madeira nas portas, sequer um grama de latão em todo o navio, e uma grande proa quadrada. Havia nela, abaixo de seu nome em letras grandes, arabescos, com o tom dourado já apagado, e algum tipo de brasão com os dizeres *Faça ou morra* embaixo. Lembrou que ele arrebatou minha imaginação imensamente. Havia um toque de romance nele, algo que me fez amar o velho navio – algo que apelava a minha juventude! (CONRAD, 2003. p. 10).

Marlow descreve as condições do barco com minúcia – uma partida para os demais pontos abordados sobre a vida de um navegante. Eles decalcam uma memória cultural que se estende às mais variadas narrativas acerca do mar, configurando uma literatura de navegação. Tal literatura faz parceria com textos que registram experiências de navegadores cuja história traz cenas de conquistas territoriais, ampliando domínios de sua própria nação. Como resultado, celebram-se as terras conquistadas e a possibilidade de refletir sobre si através do jogo especular estabelecido quando ocorre o contato com o exótico, ou seja, com o que está fora de ótica. Esse fascínio alimentou o desejo de Marlow de conhecer o Oriente, confluindo com a atração sentida por outros povos em épocas anteriores. Ele afirma:

Todo o Oriente estava diante de mim, e toda a vida, e o pensamento que eu fora testado naquele navio e havia me saído bastante bem. E o pensamento de homens do passado que, séculos atrás, tomaram aquele caminho em navios que não navegavam melhor, até a terra das palmeiras, e especiarias, areia amarela, e nações marrons governadas por reis mais cruéis que Nero, o Romano, e mais esplêndidos que Salomão, o Judeu. (CONRAD, 2003. p. 25, 26).

Marlow desfia imagens articuláveis ao contexto de conquistas marítimas, a exemplo de elementos da natureza, produtos, povos, que atraíram conquistadores e substanciaram capítulos cruéis da história, expressa na contemplação: “Este era o Oriente do[s] navegadores ancestrais, tão antigo, tão misterioso, resplandecente e sóbrio, vivo e inalterado, cheio de promessas e perigo e

estes eram os homens” (CONRAD, 2003, p. 54). Esses homens são emoldurados em um quadro que denota o olhar de um estrangeiro diante de um retrato fora de sua ótica: “rostos marrons, bronze, amarelos, os olhos negros, o cintilar, a cor de uma multidão oriental” (CONRAD, 2003, p. 53).

Calcadas na vida do navegante Conrad, cenas representadas em seus textos emaranham-se a uma memória cultural. É possível lê-las como uma alegoria de aventuras de navegadores, oferecidas ao leitor em suas metáforas, erigindo pontes de travessia que conduzem o leitor para os encantos e infortúnios de um contexto em que se deixa a terra para entregar-se ao mar. Mar de mistérios no qual a identidade encontra no desconhecido a aprendizagem que as experiências promovem enquanto forma de alteridade.

Conclusão

A experiência de Conrad, articulada à leitura de “Juventude” e “Amy Foster”, revela que, em superfícies marginais ou centrais, o sujeito pode atravessar o sentimento de desterro, como o sentido por Marlow que, mesmo ao redor dos seus companheiros de navegação e diante do mar pelo qual optou por tecer uma vida, contempla a amplitude da própria solidão: “Aquela tripulação de caixas duras de Liverpool tinha dentro delas a coisa certa. Em minha experiência elas sempre têm. Isto vem do mar – a vastidão, a solidão rodeando suas almas escuras e apáticas” (CONRAD, 2003, p. 34, 35). A convergência entre essas duas formas de vida é entretecida pela circunstância do deslocamento. Deslocar-se significa transitar em diferentes territórios. Nesse trânsito, carrega-se um conjunto de traços tidos como parâmetros advindos da própria cultura, com base no qual são vistas cenas do território estrangeiro, tecendo uma experiência híbrida que, em se tratando de Conrad, é potencializada por pertencer a dois imaginários culturais.

Essa condição híbrida enreda seus textos e guia o leitor para contextos representados em suas narrativas mediante artifícios da literatura como metáforas e o tom universal engendrado por elas. Um exílio que leva a terras estranhas as quais, pelas veredas abertas por signos verbais, conduzem a experimentar, através da leitura, os seus labirínticos matizes, visto que ler é também navegar por mares e terras desconhecidas, potencializadas por lentes de escritores, como Conrad, que operam com a singularidade de experiências, estando nas margens ou no centro de fluxos.

Os contos enfocados são, assim, um convite à solidão, ao exílio, mas, também, à aprendizagem de experiências que podem tocar e, sobretudo, nortear um sujeito para mares de uma nação, terras de outros oceanos – como formas de alteridade que rasuram a identidade. Com a rasura, emana um dos efeitos da viagem: ter contato com pessoas e culturas diferentes, seguir os trilhos da vontade de saber, adentrando os profícuos caminhos do desconhecimento do outro para as veredas do conhecimento de si, pois não aleatoriamente alteridade afina-se na rima e nos efeitos de tons subjetivos e culturais com uma seara plural, movente, dinâmica, chamada identidade.

Referências Bibliográficas

- 1] ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Persistência de trevas. In: CONRAD, Joseph. **Coração das trevas**. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 155-179.
- 2] BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- 3] CONRAD, Joseph. **Amy Foster**. Tradução Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- 4] CONRAD, Joseph. **Coração das trevas**. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia

das Letras, 2008.

- 5] CONRAD, Joseph. Juventude: uma narrativa. In: _____. **Juventude: uma narrativa; O parceiro secreto**. Tradução Valéria Medeiros. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 7-56.
- 6] DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoe**. Londres: Penguin Popular Classics, 1994.
- 7] GIDE, André. Joseph Conrad: a plenitude da ficção. Tradução Rafaela Signoretti. In: CONRAD, Joseph. **Amy Foster**. Tradução Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 2007, p. 7-11.
- 8] LUKÁCS, Georg. Culturas Fechadas. In: _____. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Duas Cidades, 2000, p. 25-36.
- 9] SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 46-60.
- 10] TODOROV, Tzvetan. Voltar. In: **O homem desenraizado**. Tradução Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 11-29.

i **Fernanda MOTA (Profa. Dra.)**
Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA)
Departamento de Letras Germânicas
fmpereira@ufba.br